

ARTIGO

Plano de texto e organização tópica em redação do Enem: contribuições para o ensino de produção textual

Text plan and topical organization in Enem writing: contributions to the teaching of textual production

Ananias Agostinho da Silva¹ 

Kleiane Bezerra de Sá² 

Sâmia Araújo dos Santos^{3,4} 

¹Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, RN, Brasil

²Instituto Federal do Ceará, Tauá, CE, Brasil

³Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

⁴Secretaria de Educação do Estado do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

E-mails: ananias.silva@ufersa.edu.br; kleiane.bezerra@ifce.edu.br; samia.santos@prof.ce.gov.br

RESUMO: Este artigo tem como objetivo mais amplo promover uma articulação entre os critérios analíticos, o plano de texto (ADAM, 2019) e a organização tópica (SÁ, 2018), visando favorecer o trabalho pedagógico de desenvolvimento de habilidades de argumentação na produção de textos, como a redação do Enem. Para isso, propomos uma interface entre a Análise Textual dos Discursos, para tratar de plano de texto, com a Linguística Textual, para organização tópica, como uma estratégia relevante para o processo de ensino e aprendizagem de candidatos ao Exame Nacional do Ensino Médio. Ancorados nessas vertentes, realizamos análise de uma Redação avaliada com nota mil pela banca de correção do certame, em que procuramos demonstrar concretamente como os parâmetros analíticos podem se entrecruzar. Essa proposta pode beneficiar o trabalho docente, na medida em que o exercício de análise do plano de texto articulado à organização tópica está comprometido com o desenvolvimento da habilidade de organização de ideias e do modo de argumentar em defesa de um ponto de vista.

PALAVRAS-CHAVE: Plano de texto, Organização tópica, Redação do Enem, Ensino.

ABSTRACT: This article has the broader objective of promoting an articulation between the analytical criteria, the text plan (ADAM, 2019) and the topical organization (SÁ, 2018), aiming to favor the pedagogical work of developing argumentation skills in the production of texts such as the writing of essays for Enem. For this, we propose an interface between Textual Analysis of Discourses, to deal with the text plan, and Textual Linguistics, for topical organization, as a relevant strategy for the teaching and learning process of Enem candidates. Focused on these aspects, we carried out an analysis of an essay evaluated with a thousand mark by the examining board, in which we tried to demonstrate concretely how the analytical parameters can intersect. This proposal can benefit the work of teachers, as the exercise of analysis of the text plan articulated to the topic organization is committed to the development of the ability to organize ideas and the way of arguing in defense of a point of view.

KEYWORDS: Text Plan, Topical Organization, Enem's Essay, Teaching.

COMO CITAR

SILVA, Ananias Agostinho da; BEZERRA DE SÁ, Kleiane; SANTOS, Sâmia Araújo dos. Plano de texto e organização tópica em redação do Enem: contribuições para o ensino de produção textual. *Revista da Anpoll*, v. 54, n. 1, e1899, 2023. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1899>

1 Introdução

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é hoje a principal forma de ingresso em cursos de instituições de ensino superior no Brasil. As provas do exame são organizadas em quatro áreas do conhecimento, que, de modo geral, compreendem as disciplinas estudadas pelos participantes durante o Ensino Médio. São elas: Ciências Humanas e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias. Para cada uma dessas áreas, há uma prova objetiva, composta por 45 questões de múltipla escolha. Além delas, os participantes também respondem a uma prova discursiva, uma produção textual escrita do gênero do discurso conhecido por “redação do Enem”, objeto deste trabalho. A redação detém peso significativo nos processos seletivos que adotam os resultados do Enem, recebendo por isso muita atenção dos participantes.

Nessa perspectiva, a escola tem potencialmente investido no ensino de produção textual, na tentativa de formar sujeitos escritores competentes, capazes de produzir textos coerentes e coesos, socialmente relevantes e adequados aos gêneros. No entanto, os resultados alcançados ainda não parecem ser desejáveis, como pode sugerir, por exemplo, o desempenho dos participantes do Enem na prova de redação. Por um lado, na última edição do exame, em 2022, somente 19 participantes obtiveram nota mil, num universo de mais de dois milhões de inscritos. Por outro lado, quase cem mil participantes zeraram a prova¹. Ainda que esses dados não possam balizar conclusões genéricas, são sintomas de que intervenções são necessárias na maneira como se ensina a produzir textos na escola. É preciso investir em um ensino voltado à emancipação do aluno como cidadão, o que supõe saber produzir textos de diferentes gêneros para interagir nas mais variadas situações sociais e resolver problemas do cotidiano.

Defendemos que um contributo ao ensino da produção textual na escola pode decorrer de duas noções teóricas relativamente consolidadas às quais propomos uma interface: o plano de texto, da Análise Textual dos Discursos, e o tópico discursivo, da Linguística Textual. O plano de texto refere-se à estrutura global do texto, à maneira como estão organizadas as informações de forma a cumprir os propósitos comunicativos do produtor. O tópico discurso, em linhas gerais, diz respeito ao assunto focalizado no texto e ao modo como ele é desenvolvido em um contexto de enunciação definido socialmente, nos contornos de dado gênero. O investimento que propomos nesse trabalho é relacionar o tópico discursivo, mais especificamente, à organização tópica, ao plano macroestrutural do texto por confiarmos que este envolve todas as possibilidades de ordenação de temas dentro de certa prática social, bem como as decisões individuais que o produtor opera para eleger e desenvolver subtópicos de seu interesse na tentativa de influenciar seu interlocutor de alguma maneira (CAVALCANTE *et al.*, 2022).

Marquesi, Elias e Cabral (2017) já haviam sinalizado que, se o plano de texto reflete o modo como as informações estão organizadas no texto, pode servir, desse ponto de vista, como ferramenta importante no ensino de produção textual, visto que poderá garantir mais coerência entre o que o produtor deseja escrever e o que ele efetivamente escreverá. Sá (2018) assinalou

¹ De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), órgão responsável pela elaboração e aplicação do certame. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/enem/divulgado-resultado-do-enem-2022>. Acesso em: 20/04/2023.

que o trabalho pedagógico com a noção de tópico discursivo é capaz de desenvolver no aluno competências para defender um ponto de vista através da seleção de ideias concernentes e da hierarquização de informações ao longo do texto. À vista disso, nossa proposição é de que, no ensino de produção textual, o trabalho com a interface entre esses dois dispositivos poderá ser útil no sentido de dotar o aluno de competências necessárias para a gestão adequada das ideias e informações do texto, até porque “a organização das ideias está diretamente ligada à qualidade do texto, que será melhor na medida em que as ideias do produtor estiverem bem organizadas” (MARQUESI; ELIAS; CABRAL, 2017, p. 15). Quanto mais bem organizadas as ideias e desenvolvidos os temas do texto, maior a possibilidade de o produtor alcançar o seu projeto persuasivo.

Para ilustrar a produtividade desses dois conceitos – plano de texto e tópico discursivo – no ensino de produção textual, procedemos aqui a uma demonstração analítica de uma redação do Enem nota mil, produzida por uma participante da última edição, em 2022². Especificamente, primeiro, buscamos reconstruir o plano de texto formulado pela participante, identificando as sequências textuais presentes e como o texto se estrutura em termos de forma e conteúdo. A seguir, buscamos detalhar a organização tópica da redação a fim de demonstrar como a participante consegue ser bem-sucedida ao hierarquizar as informações de seu texto com base no alargamento e no aprofundamento de subtópicos relacionados ao tópico central, construindo uma argumentação consistente. A partir disso, observamos como a construção do quadro tópico contribui para a elaboração de um plano de texto adequado ao gênero do discurso redação do Enem e ao modo de nele argumentar em defesa de um ponto de vista. Finalmente, discutimos a relação desses dois elementos com as competências 02 e 03 de avaliação da prova de redação do Enem, a fim de pontuarmos contribuições ao ensino de produção textual na escola.

2 Plano de texto de uma redação nota mil do Enem

O plano de texto é o principal fator unificador da estrutura composicional de um texto e, por isso, desempenha papel fundamental na composição macro textual do sentido (ADAM, 2019). É o plano de texto que estabelece a sua organização global, previamente prescrita pelos constrangimentos do gênero do discurso. Ele reflete a forma como as informações são dispostas no texto, considerando os propósitos comunicativos de quem o produz e também as disposições do contexto de produção. Nesse sentido, a produção e compreensão do texto perpassam pelo reconhecimento de um plano, mesmo que, nem sempre, produtor e leitor tenham consciência disso.

Ainda que estejam junto com os gêneros disponíveis no sistema de conhecimentos dos grupos sociais (ADAM, 2011), o que permite seu reconhecimento pelo produtor e pelo leitor do texto, os planos de texto não se confundem com os gêneros. A esse respeito, Marquesi *et al.* (2019) explicam que o gênero corresponde a uma estrutura aprendida, pela qual se mantém a

² Redação nota 1000 de autoria de Ana Alice de Souza Azevedo, 21 anos. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/04/10/enem-2022-leia-redacoes-nota-mil.ghml>. Acesso em: 20/04/2023.

convencionalidade histórico-cultural; o plano de texto é uma estrutura criada, que não dispensa a convencionalidade aprendida, do gênero, mas constitui-se como variante em relação a ela. O plano de texto possui um caráter pontual, irrepetível, ou seja, nunca dois textos terão o mesmo plano, porque cada texto revela uma forma singular de se realizar um propósito comunicativo. Assim, no caso da redação do Enem, por restrições do gênero e imposições da organização do certame, os textos bem-sucedidos devem dispor de uma mesma estrutura composicional, mas cada texto resulta de um plano exclusivo, porque cada participante administra as informações da maneira como acredita ser mais adequada para alcançar seu projeto de dizer.

Em certos casos, algumas partes ou seções do plano de texto podem também funcionar como marcadores da estrutura composicional tipificada do gênero a que pertence o texto (MARQUESI *et al.*, 2019). É o que pode ocorrer com gêneros cujos planos de texto são mais canônicos, ou fixos, como menciona Adam (2019), em que algumas seções ou blocos dos planos são quase sempre impositivamente necessários. Particularmente, é o que também parece acontecer em textos como a redação do Enem, conforme vemos no modelo que usaremos em nossa demonstração analítica. Alguns blocos do plano desse texto identificam exatamente certos movimentos retóricos do gênero redação do Enem. Na seção seguinte, buscamos reconstruir o plano de texto dessa redação nota mil, considerando as partes constitutivas do texto, a nível do conteúdo temático e de aspectos formais e gráficos.

A redação encontra-se estruturada em quatro parágrafos, que tratam sobre os *Desafios para a valorização de comunidades tradicionais no Brasil*, tema da redação do Enem de 2022. Ainda que essa organização textual não se trate de uma imposição do exame, que delimita apenas o número máximo de linhas, 30, a observação de outras redações produzidas por participantes do exame e avaliadas com nota mil pode constatar que essa organização é uma regularidade do plano de texto desse gênero. Além disso, esse aspecto formal sinaliza para o modo como o texto se estrutura do ponto de vista do conteúdo temático: é possível visualizar quatro blocos em torno dos quais o texto se organiza e viabiliza as intenções do produtor do texto, explicitar e defender o ponto de vista de que os *desafios para a exaltação de comunidades nativas na contemporaneidade derivam da inércia estatal e do descaso social*, conforme observado na Figura 1.

Em alguma medida, é possível notar quase uma correspondência entre esses blocos do plano de texto e a estrutura composicional do gênero. O Bloco I corresponde precisamente à apresentação do *tema* e da *tese* ou *ponto de vista* defendido pelo participante. Os Blocos II e III à exposição dos *argumentos* que sustentam à *tese*, e o Bloco IV à *proposta de intervenção*. Essa estrutura assim delineada é uma cominação do exame quanto aos limites estruturais e também composicionais do tipo de texto requerido, segundo sugerem as competências de avaliação de número 2, 3 e 5. Se, por um lado, a prescrição dessa estrutura estabiliza o gênero, por outro, revela a consciência do produtor do texto ao explicitar um plano alinhado à maneira como os sujeitos, nesse contexto, utilizam a linguagem para alcançar seus propósitos, bem como facilita o trabalho de compreensão do leitor, que estabelece coerência entre as partes do texto e, dessa estrutura, consegue extrair informações e armazená-las na memória para reproduzi-las, com o seu estilo, em outras situações concretas de uso da linguagem (VAN DIJK, 1983).

Blocos Estruturais	Macroestruturas	Transcrição do Bloco Textual
Bloco I Introdução ao tema + apresentação da tese	<u>Sequência narrativa:</u> introduz o tema da valorização dos povos tradicionais. <u>Sequência explicativa:</u> a atual desvalorização dos povos tradicionais. <u>Sequência argumentativa:</u> apresenta a tese defendida no texto.	<i>Na primeira fase do Romantismo, os aspectos da natureza brasileira e os povos tradicionais foram intensamente valorizados nas obras, criando um movimento ufanista em relação a características nacionais. Tal quadro de valorização, quando comparado à realidade, não foi perpetuado, apresentando preocupantes desafios para a exaltação das comunidades nativas na contemporaneidade. Nesse sentido, a problemática não só deriva da inércia estatal, mas também do descaso social.</i>
Bloco II Desenvolvimento da argumentação: a inércia estatal	<u>Sequência argumentativa:</u> argumento 01: a inércia governamental é uma barreira para a valorização dos povos tradicionais. <u>Sequência explicativa:</u> citação da Constituição Brasileira sobre a responsabilidade do Estado quanto à preservação de povos tradicionais.	<i>De início, é importante observar que a inércia governamental é uma das principais barreiras para a valorização dos povos tradicionais. Nessa perspectiva, de acordo com a Constituição Brasileira de 1988 é responsabilidade do Estado garantir a preservação e a exaltação das comunidades nativas, incluindo medidas voltadas para a proteção de suas culturas. Entretanto, tal postulado é quebrado quando comparado à contemporaneidade, haja vista que a maioria dos povos tradicionais, como indígenas e quilombolas, não possui seus direitos estabelecidos, a exemplo da demarcação de terras, sendo perversamente abandonada por um governo que não oferece o suporte e o auxílio garantidos por lei. Por conseguinte, a partir do momento que o Estado é passivo e negligente, as autoridades são responsáveis tanto por estabelecer um equivocado cenário de quebra de direitos constitucionais, quanto por criar um errôneo quadro de desvalorização cultural da nação, já que as culturas das comunidades nativas representam o patrimônio de todos os brasileiros. Desse modo, a postura governamental vigente acentua a negligência perante os povos naturais do país.</i>
Bloco III Desenvolvimento da argumentação: o descaso social	<u>Sequência argumentativa:</u> argumento 02: o descaso social é um desafio que alastra a desvalorização de comunidades tradicionais. <u>Sequência descritiva:</u> citação de Nelson Rodrigues com a metáfora do Complexo Vira-Lata. <u>Sequência argumentativa:</u> argumento 03: a indiferença e a inércia deturpam a visão dos brasileiros em relação à valorização das comunidades nativas.	<i>Além disso, o descaso social é outro desafio que alastra a desvalorização de comunidades nacionais. Nesse viés, segundo o escritor Nelson Rodrigues, isso ocorre devido ao Complexo Vira-Lata presente entre os indivíduos, em que os brasileiros apresentam, em sua maneira, um sentimento de inferioridade perante as nações exteriores, depreciando, assim, a cultura nacional. Sob tal ótica, grande parte da população assume equivocadamente um papel inerte e indiferente em relação à valorização das comunidades nativas, uma vez que, devido ao errôneo sentimento depreciativo, não é capaz de enxergar que a proteção e a exaltação dos povos tradicionais é de suma importância para garantir a sobrevivência desses grupos e para a preservação do patrimônio cultural da nação. Consequentemente, a visão míope e deturpada da sociedade é responsável por formar um corpo social negligente e indiferente acerca da própria história, ocasionando o abandono de parcelas tradicionais e o esquecimento do legado cultural dos povos nativos.</i>
Bloco IV Reapresentação da tese + apresentação da proposta	<u>Sequência explicativa:</u> reapresentação da tese via paráfrase genérica: <i>medidas necessitam ser tomadas para solucionar a problemática.</i> <u>Sequência descritiva + discurso de incitação à ação:</u> apresentação da proposta de intervenção 01: <i>projeto de amplificação da valorização de povos tradicionais.</i> <u>Sequência descritiva + discurso de incitação à ação:</u> apresentação da proposta de intervenção 02: <i>projeto de exaltação da cultura nacional</i>	<i>Fica claro, portanto, que medidas necessitam ser tomadas para solucionar a problemática. Nesse sentido, é preciso que o Estado elabore um projeto de amplificação da valorização das comunidades tradicionais, por meio do aumento de medidas de proteção a tais grupos, a exemplo da intensificação da demarcação de terras, com o objetivo de reverter a postura inerte dos órgãos governamentais, para que, dessa forma, os povos nativos tenham seus direitos garantidos. Ademais, a mídia institucional deve criar projetos de exaltação cultural, por intermédio da produção de campanhas digitais que abordem a importância da preservação de traços nacionais com o intuito de desconstruir o sentimento de inferioridade social, para que, dessa maneira, seja possível reverter o descaso dos indivíduos perante a valorização das comunidades nativas. Assim, os princípios de exaltação nacional presentes no Romantismo poderão ser relacionados à realidade brasileira.</i>

Figura 1 – Plano de texto da redação

Fonte: Elaboração própria

É nesse sentido, conforme Marquesi *et al.* (2019), que a noção de plano de texto guarda relação estreita com a de contexto. As autoras advogam que o contexto sociocognitivo tem implicações na maneira como os sujeitos articulam intenções, objetivos e conhecimentos socialmente adquiridos e compartilhados para arranjar um plano para seu texto. No Enem, um contexto institucional de avaliação em que se encontram os participantes, quando se escreve o texto não para persuadir o leitor de fato, mas para construir a representação dessa cenografia, porque se trata de um interlocutor especialista, cujo objetivo de leitura é medir competências do produtor, dentro de um conjunto de restrições e constrangimentos impostos pelo gênero, os aspectos contextuais incidem sobremaneira no arranjo configuracional do texto.

No Bloco I, a estratégia empregada pela participante para introduzir o tema da redação a partir de uma sequência narrativa que trata da exaltação da natureza e da pátria no romantismo brasileiro, além de colocar em evidência o eixo temático abordado, funciona como indício de seu repertório sociocultural produtivo, aspecto solicitado na competência 2 do exame. Desvelar o plano de um texto é mapear as sequências textuais que o estruturam e detectar os valores semânticos que delas decorrem (RODRIGUES, 2022). O emprego dessa sequência tem valor retórico, no sentido de que pode funcionar como argumento de base para a tese, mas também pragmático, ao sugerir o largo repertório sociocultural do participante.

Ainda que também apresentem sequências narrativas e explicativas, os Blocos II e III são predominantemente formados de sequências argumentativas. No Bloco II, essa sequência tem início com a apresentação da *tese* de que *a inércia governamental é uma das principais barreiras para a valorização dos povos tradicionais*. Essa tese é sustentada em *dado* oriundo da Constituição Brasileira, que prever a responsabilidade do Estado em garantir a preservação de comunidades nativas e a proteção de suas culturas. Imediatamente, esse dado é confrontado com uma restrição, de que, na contemporaneidade, os povos tradicionais não possuem os seus direitos assegurados. Então, a participante alcança a *conclusão* de que *o Estado é passivo e negligente diante os povos tradicionais do país*, razão porque há uma desvalorização cultural da nação. Há uma aderência ao contorno da estrutura prototípica da sequência argumentativa, conforme o modelo colocado por Adam (2011) (Figura 2).

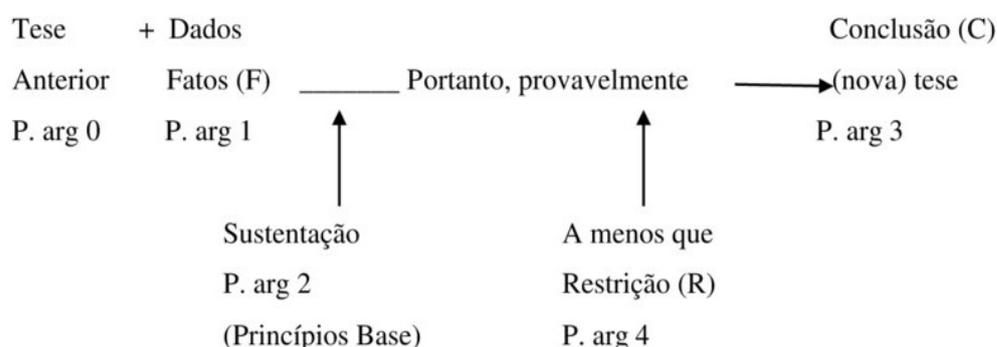


Figura 2 – Estrutura da sequência argumentativa

Fonte: Adam (2011, p. 234)

Essa estrutura revela a orientação argumentativa pretendida pelo texto, que é reforçada no Bloco III, como evidencia o conectivo *além disso*. Nesse bloco, a participante parte da tese de que *o descaso social é um desafio que alastra a desvalorização de comunidades tradicionais nacionais*. Essa proposição é sustentada em dois argumentos: o primeiro colocado a partir

de uma sequência descritiva – encaixada na sequência argumentativa predominante – que atribui esse descaso social ao que chama o escritor brasileiro Nelson Rodrigues de *complexo vira-lata*, metáfora que descreve o sentimento de inferioridade perante a cultura de nações estrangeiras. À essa ideia, o participante atrela o segundo argumento, *a indiferença e a inércia parecem deturpar a visão dos brasileiros em relação à valorização das comunidades nativas*. Com esses dados, alcança a conclusão de que *a visão míope da sociedade é responsável pela negligência social que ocasiona o abandono e esquecimento de grupos tradicionais e suas culturas*.

O Bloco IV trata especificamente sobre a proposta de intervenção. A tese é reafirmada sob forma de paráfrase genérica em uma sequência explicativa – *medidas necessitam ser tomadas para solucionar a problemática*. Em seguida, a candidata apresenta duas propostas de intervenção, uma atribuída ao Estado, projeto de amplificação da valorização de povos tradicionais, e a outra à mídia institucional, projeto de exaltação da cultura nacional. Essas duas propostas são textualmente construídas com marcas de um discurso de incitação à ação, conforme denota o próprio tempo verbal. Além disso, estruturam-se sob o entrelaçamento dos modelos de sequências argumentativas e explicativas, usadas para especificar elementos como agente, ação, meio, finalidade e detalhamento, exigidos pelo próprio exame.

Ao distribuir os conteúdos do texto nessa configuração, em quatro blocos, o plano de texto da redação constitui um todo particular de organização, que resulta do imbricamento entre diferentes tipos de sequências textuais. A elaboração desse plano explícito de texto guarda várias correspondências com a própria estrutura canônica do gênero redação do Enem, o que pode ser interpretado como tentativa de a participante ser bem-sucedida em sua produção. Na situação em que o texto foi produzido, um contexto de avaliação, “quanto mais o texto corresponde às expectativas sobre padrões textuais convencionalizados, tanto menores são os custos cognitivos durante o processamento textual e tanto maior é o grau de construção da coerência” (STORRER, 2009, p. 209).

Por outro lado, o modo como essas diferentes sequências textuais são intercaladas para a construção da estrutura global do texto reflete a criatividade da participante e evidencia o caráter pontual do plano de texto, *e até do próprio texto como evento irrepitível*. Além disso, o arranjo da macroestrutura textual resulta das intenções, isto é, da tentativa do participante do Enem de alcançar o propósito comunicativo a que pretendeu, o que revela a orientação argumentativa do texto. Esse aspecto reforça o posicionamento de que a argumentatividade não está somente inscrita nos usos da língua, mas também no modo como esses usos se configuram em práticas textuais e comunicativas (MARQUESI; ELIAS; CABRAL, 2017). De igual maneira, também depende de como o produtor seleciona e organiza ideias concernentes ao tema e hierarquiza os tópicos desenvolvidos no texto, como demonstramos na seção seguinte, em que avançamos na descrição detalhada de como se dá a organização tópica da redação em análise.

3 Detalhamento da organização tópica da redação

Consideramos, à semelhança de Koch (2002), que a organização tópica está diretamente relacionada à organicidade, pois é “em função dela que podemos transitar nas articulações que um tópico tem com outros na sequência discursiva, bem como pelas relações hierárquicas entre tópicos mais ou menos abrangentes” (KOCH, 2002, p. 129). Nos estudos relativos

ao tópico discursivo³, ressaltamos que as duas propriedades *centração* e *organicidade*⁴ são indissociáveis, embora enfatizemos, nesta seção, a organicidade, em virtude dos objetivos delineados para esta discussão.

Buscando demonstrar como o princípio de organicidade se distribui na construção dos quadros tópicos, apreciemos as seguintes ponderações: a) O eixo em torno do qual tudo no texto deve convergir define a centração. No exemplo, este eixo corresponde ao tópico central⁵ *Desafios para a valorização de indígenas e de quilombolas*; b) A construção de conjunto referencial que converge para o eixo central do texto, ao mesmo tempo em que é um desdobramento dele, assinalada por uma relação de interdependência define a concernência. Em vista disso, observamos que o tópico central foi desdobrado, de primeira ordem, em dois subtópicos: *Inércia estatal* e *Descaso social*; c) O destaque dado ao conjunto referencial em decorrência de sua importância para a discussão engendrada pelo candidato define a relevância. Afirmamos que, em torno de cada subtópico, houve investimentos argumentativos que promoveram novos desdobramentos do tópico central, em segunda e em terceira ordens.

Em vista do que afirmamos na ponderação a), reconhecemos que a definição do tópico central de um texto é o ponto de partida para a análise da organicidade em virtude de todo o quadro tópico ser originado a partir dele, o qual assume posição hierarquicamente superior na construção de um quadro tópico.

Para tratar do nível imediatamente inferior a ele, retomamos a ponderação b), a respeito da qual afirmamos que o traço de concernência é o responsável pela definição dos subtópicos de primeira ordem que um texto apresenta. Assinalamos que o candidato deve selecionar subtópicos que devem figurar com maior força argumentativa para a defesa de seu ponto de vista. Para mais adequadamente esclarecer o processo de hierarquização de informações em textos escritos, convocamos dois critérios: *alargamento*, que nos auxilia na elaboração de um quadro tópico em que os subtópicos se localizam no nível sequencial, e *aprofundamento*, que nos permite inserir os subtópicos no nível hierárquico, portanto, subordinados.

Tomamos, enfim, a ponderação c) para propor que o traço de relevância assume um papel de destaque na divisão interna de subtópicos de primeira ordem em subtópicos de segunda e de terceira ordem coconstituíntes. Isso porque um novo conjunto de referentes passa a ganhar relevância para o desenvolvimento argumentativo do texto em relação a cada um dos subtópicos.

Compreendemos que as ponderações aqui examinadas podem fornecer critérios para o ensino de produção textual, especialmente pela observação de como o candidato seleciona os argumentos mais pertinentes e os organiza ao interpretar e acrescentar informações em defesa de um ponto de vista. Nesse processo, necessariamente ele se vale da informatividade e intertextualidade, critérios explicitamente considerados na avaliação da progressão do tema nas redações do Enem.

Assinaladas essas considerações acerca da propriedade tópica denominada de organicidade, caracterizamos a organização tópica do exemplo da seguinte maneira (Figura 3).

³ Alguns expoentes dessa discussão são Jubran *et al* (1992); Jubran (2006); Pinheiro (2003).

⁴ A conceituação das propriedades tópicas são tomadas aqui, a partir da redefinição presente em Sá (2018).

⁵ Salientamos, neste ponto, que o gênero redação do Enem apresenta uma particularidade devido à limitação da extensão e predeterminação do tema, o que o leva a ser monotópico.

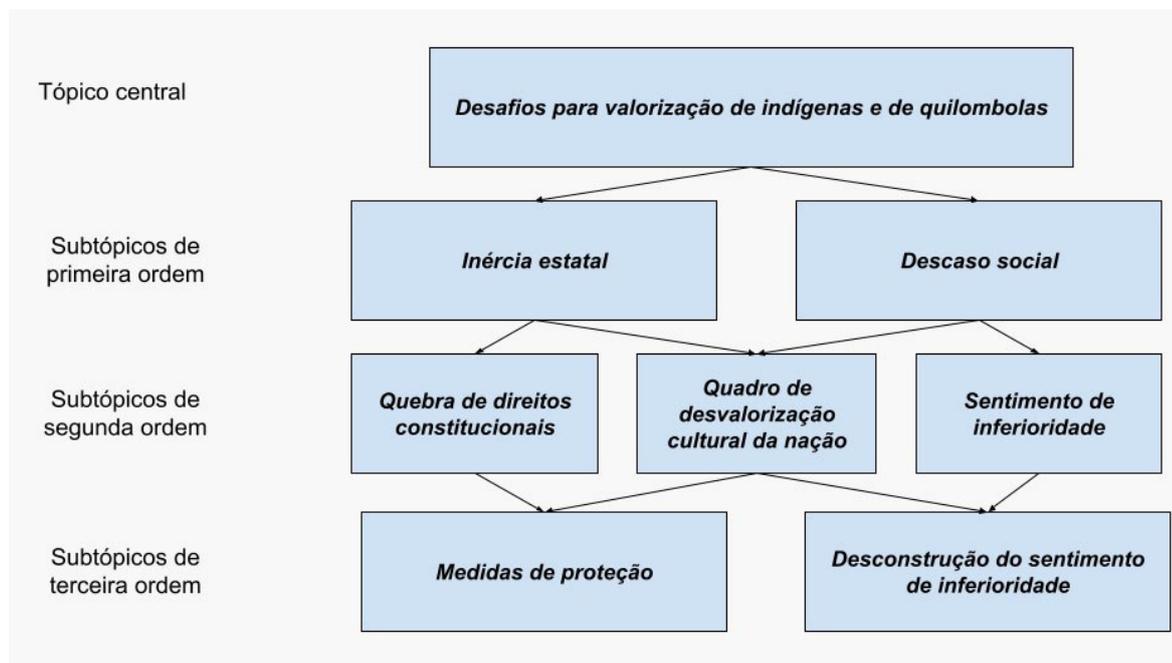


Figura 3 – Quadro tópico redação Enem

Fonte: Elaboração própria

No exemplo, a autora decidiu fazer um recorte temático⁶ especificando povos indígenas e quilombolas, introduções referenciais retomadas ao longo de todo o texto pelas anáforas diretas: *povos tradicionais*, *comunidades nativas*, *comunidades nacionais*, *povos naturais*, *parcelas tradicionais*, *povos nativos*.

Definimos os dois subtópicos *Inércia estatal* e *Descaso social* em função de constituírem argumentos mais pertinentes para abordar a temática em questão. A respeito de *Inércia estatal*, o conjunto referencial formado pelos processos referenciais em rede⁷ *inércia governamental*, *responsabilidade do estado*, *Estado é passivo e negligente*, *postura governamental*, *negligência*, passa a ganhar relevância para o desenvolvimento argumentativo do texto. De modo semelhante, a delimitação do subtópico *Descaso social* se deu em razão da construção de um conjunto referencial em que há expressões como *descaso social*, *corpo social negligente e indiferente*, *descaso dos indivíduos*.

Na discussão empreendida, a autora investe argumentativamente no subtópico *Inércia estatal*, por meio do acréscimo de informações que fazem o texto progredir, gerando mais um nível de desdobramento no plano hierárquico com os subtópicos *Quebra de direitos constitucionais*, que abriga o argumento de que o governo não garante a *preservação e a exaltação* dos povos indígenas e quilombolas, os quais não possuem seus *direitos estabelecidos*, a exemplo da *demarcação de terras* e, por essa razão, essa parcela da sociedade é *perversamente*

⁶ Por peculiaridades do contexto social de produção e de recepção das redações, o tópico central advém quase que completamente do tema predeterminado na proposta de redação.

⁷ Para uma compreensão mais específica do conceito referência em rede, sugerimos a leitura de Matos (2018). Enfatizamos, também, que aparecerão em itálico nesta seção os processos referenciais presentes na redação em análise.

abandonada por um governo que não oferece o suporte e o auxílio garantidos por lei; Quadro de desvalorização cultural da nação, que corresponde ao argumento de que a *postura governamental* cria um *errôneo quadro de desvalorização cultural da nação*, uma vez que *as culturas das comunidades nativas representam o patrimônio de todos os brasileiros*. Defendemos que este subtópico também diz respeito ao argumento de que o *descaso social é outro desafio que alastra a desvalorização de comunidades nacionais*. Ao abordar essas informações, a autora afirma que o *corpo social negligente e indiferente* acerca da própria história, ocasiona o *abandono de parcelas tradicionais e o esquecimento do legado cultural dos povos nativos*. Por essa razão, no quadro tópico, ele está centralizado e interligado aos dois subtópicos de primeira ordem; e *Sentimento de inferioridade*, que manifesta processos referenciais de que é o *Complexo Vira-Lata presente entre os indivíduos*, o grande responsável pelo *sentimento de inferioridade perante as nações exteriores*, que os leva a depreciarem a cultura nacional. Segundo a candidata, por não enxergarem valor em sua própria cultura, os brasileiros desenvolvem um *errôneo sentimento depreciativo*. Reforçamos que a explicitação das relações existentes entre os argumentos é bem colocada, uma vez que as informações convocadas para defesa do ponto de vista defendido no texto são textualizadas e não dependem de conhecimento exterior por parte do leitor, ou mesmo dos textos motivadores⁸, para que faça sentido.

No último parágrafo, as soluções apresentadas para a problemática trazida pela participante assinalam a instauração de dois subtópicos de terceira ordem: *Medidas de proteção e Desconstrução do sentimento de inferioridade*. A rede referencial construída para propor medidas de proteção aos povos indígenas e quilombolas envolve a elaboração, por parte do Estado, de *um projeto de amplificação da valorização das comunidades tradicionais*, que deverá promover o *aumento de medidas de proteção a tais grupos*, concretamente apontada como a *intensificação da demarcação de terras*.

Já a rede referencial construída em torno do subtópico *Desconstrução do sentimento de inferioridade*, diz respeito à criação de *projetos de exaltação cultural*, para que seja abordada a *importância da preservação de traços nacionais*, a fim de desconstruir o *sentimento de inferioridade social*.

Damos mais um passo, na seção seguinte, na tentativa de demonstrar como a *construção do quadro tópico*, delineada nesta seção, pode contribuir para o trabalho pedagógico de desenvolvimento das habilidades de argumentação de candidatos do Enem, por meio da articulação com o *plano de texto* adequado a este gênero e ao modo de nele argumentar em defesa de um ponto de vista.

4 Articulação entre plano de texto e organização tópica: contribuições para o ensino

Comprometidos com o objetivo de demonstrar como os critérios da organização tópica e do plano de texto podem se articular para potencializar o ensino de produção textual na escola, apoiamo-nos em Cavalcante *et al.* (2022), para afirmar que “o quadro tópico pode ser

⁸ Proposta de Redação. Disponível em: https://download.inep.gov.br/enem/provas_e_gabaritos/2022_PV_impresso_D1_CD1.pdf. Acesso em: 02/06/2023.

bastante útil, particularmente na elaboração do plano de texto adequado a um gênero e ao modo de argumentar nele” (CAVALCANTE *et al.*, 2022, p. 344). Defendemos que é no processo de planejamento do texto que a descrição da organização tópica, realizada na seção anterior, pode ser de grande relevância para auxiliar o candidato na delimitação do plano que subjaz a organização de seu texto. Além disso, defendemos que a elaboração de um plano explícito de texto pode tornar consciente esse processo, permitindo que posteriormente o aluno possa utilizar essa informação de forma mais controlada (CABRAL, 2013) e, assim, alcançar seu propósito comunicativo.

O nosso entendimento é de que a produção escrita é sempre processual, ou seja, ocorre por um conjunto de etapas cujo início é a elaboração de um plano estratégico de escrita que lhe permita a seleção e organização das ideias constitutivas do texto. Essa planificação da escrita parece ser muito mais frequente no trabalho de produtores maduros e experientes, que buscam controlar a disposição das informações no texto para atingir seus objetivos com maior êxito. A despeito disso, segundo Cabral (2013), produtores mais imaturos e inexperientes costumam suplantam essa etapa, passando imediatamente da geração das ideias para a escrita do texto, o que pode prejudicar a coerência do texto e comprometer em alguma medida o projeto de dizer, porque eles se perdem durante o processo de textualização.

Em caso da produção de um texto como a redação do Enem, prototipicamente caracterizado como texto de visada argumentativa (AMOSSY, 2018; CAVALCANTE *et al.*, 2022), na etapa que antecede a escrita, o candidato deve pensar a respeito da delimitação do tema (o que implica considerar as restrições temáticas colocadas pela proposta de redação, para evitar o tangenciamento), definir a tese que pretende defender e selecionar os argumentos que lhe dão apoio, apontar como esses argumentos serão desenvolvidos a partir da escolha do movimento argumentativo do texto e, por fim, definir uma proposta de solução para o problema. Com essa planificação inicial, que pode ser registrada ou não sob a forma de um esquema sequencial, o participante consegue tomar consciência do processo de raciocínio que estrutura a produção de seu texto e hierarquizar os elementos que compõem esse raciocínio antes até de registrá-lo na linearidade textual.

Nesse processo de planificação da macroestrutura do texto da redação, a nosso ver, o quadro tópico pode figurar como importante ferramenta que serve para amparar o participante na elaboração de um plano que refletirá o conteúdo do seu texto, uma vez que o leva a refletir sobre como as informações, os fatos e as opiniões estarão hierarquizadas a fim de alcançar os propósitos argumentativos. Para ilustrar essa proposta, descrevemos, com base na redação em análise, que o participante do Enem pode utilizar como ponto de partida para o planejamento da sua produção textual um quadro tópico (Figura 3) com a definição: do tópico central, que corresponde diretamente à delimitação do tema do texto; dos subtópicos mais concernentes à defesa do ponto de vista ou tese definida; dos subtópicos que possam ajudar na comprovação dos argumentos que darão sustentação à proposição da tese; e da proposta de intervenção relacionada a cada um dos subtópicos.

Assim, no passo seguinte, o participante pode se valer dos elementos apontados no quadro tópico para compor o plano de texto da sua redação, procedendo ao detalhamento da estrutura, ou seja, à pré-formatagem, cujas escolhas e articulações ocorrem em função da finalidade comunicativa do texto. O uso dessa estratégia supõe que a construção da estrutura

do texto não se resume simplesmente à soma de ideias aleatórias (CABRAL, 2013), mas sim demanda do produtor um trabalho de reflexão crítica sobre as escolhas de forma e conteúdo operadas. Nesse sentido, confiamos que essa proposta pode ser uma mais valia sobretudo para produtores ainda não experientes, como o caso de alunos concluintes da Educação Básica, que demandam estratégias de escrita que possam facilitar e potencializar o processo de produção textual. A Figura 4 demonstra justamente como a articulação entre propriedades da organização tópica e as macroestruturas do plano de texto pode ser produtiva na escrita de um texto como a redação do Enem.

Quadro Tópico	Macroestruturas
<p><u>Tópico central:</u> <i>Desafios para a valorização de indígenas e de quilombolas</i></p>	<p><u>Sequência narrativa:</u> introduz o tema da valorização dos povos tradicionais. <u>Sequência explicativa:</u> a atual desvalorização dos povos tradicionais. <u>Sequência argumentativa:</u> apresenta a tese defendida no texto.</p>
<p><u>Subtópico de primeira ordem:</u> <i>Inércia estatal</i></p> <p><u>Subtópicos de segunda ordem:</u> <i>Quebra de direitos constitucionais</i> <i>Quadro de desvalorização da cultura</i></p>	<p><u>Sequência argumentativa:</u> argumento 01: a inércia governamental é uma barreira para a valorização dos povos tradicionais. <u>Sequência explicativa:</u> citação da Constituição Brasileira sobre a responsabilidade do Estado quanto à preservação de povos tradicionais.</p>
<p><u>Subtópico de primeira ordem:</u> <i>Descaso social</i></p> <p><u>Subtópicos de segunda ordem:</u> <i>Quadro de desvalorização da cultura</i> <i>Sentimento de inferioridade</i></p>	<p><u>Sequência argumentativa:</u> argumento 02: o descaso social é um desafio que alastra a desvalorização de comunidades tradicionais. <u>Sequência descritiva:</u> citação de Nelson Rodrigues com a metáfora do Complexo Vira-Lata. <u>Sequência argumentativa:</u> argumento 03: a indiferença e a inércia deturpam a visão dos brasileiros em relação à valorização das comunidades nativas.</p>
<p>Subtópicos de terceira ordem <i>Medidas de proteção</i> <i>Desconstrução do sentimento de inferioridade</i></p>	<p><u>Sequência explicativa:</u> reapresentação da tese via paráfrase genérica: <i>medidas necessitam ser tomadas para solucionar a problemática.</i> <u>Sequência descritiva + discurso de incitação à ação:</u> apresentação da proposta de intervenção 01: <i>projeto de amplificação da valorização de povos tradicionais.</i> <u>Sequência descritiva + discurso de incitação à ação:</u> apresentação da proposta de intervenção 02: <i>projeto de exaltação da cultura nacional.</i></p>

Figura 4 – Proposta de articulação entre organização tópica e plano de texto

Fonte: Elaboração própria

Com esse quadro, ilustramos a aplicação pedagógica de critérios da organização tópica e do plano de texto, considerando seu papel na construção da argumentação em redações do Enem. Salientamos que, em ambas as vertentes, os sentidos envolvidos na interação contam com a habilidade do candidato para selecionar e ordenar as informações que o ajudarão a alcançar nota satisfatória no Enem, que pode ser aperfeiçoada com a articulação aqui empreendida. Além disso, ao realizar investimentos desse tipo, a escola poderá contribuir para que o aluno desenvolva habilidades fundamentais à produção de texto, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2018), ao preconizar que o aluno concluinte do Ensino Médio deve estabelecer relações entre as partes do texto, atentando à estrutura composicional e à maneira como as informações são organizadas do ponto de vista da forma e das relações lógico-discursivas envolvidas.

5 Considerações Finais

Neste artigo, buscamos demonstrar que, para além de noções teóricas úteis à análise de textos e de gêneros, os conceitos de plano de texto e tópico discursivo, articulados, podem ser operacionalizados como instrumento pedagógico para a prática de ensino de produção textual na escola, visto que podem contribuir sobremaneira para o desenvolvimento de habilidades e de competências necessárias à formação do aluno enquanto produtor de texto.

Em nossa demonstração analítica, após reconstruirmos o plano de texto e o quadro tópico de uma redação do Enem avaliada com nota mil, demonstramos que a organização tópica pode favorecer a construção de um plano de texto capaz de permitir ao produtor conduzir, com muito mais controle, a disposição e a organização das ideias e das informações no texto, de modo a refletir o tema tratado e garantir êxito no propósito comunicativo. A nosso ver, relacionar o quadro tópico ao modo como se constrói a macroestrutura do texto pode ser crucial para o ensino de interpretação e produção de textos na escola. Logo, a nossa defesa é de que esses dois dispositivos podem ser equacionados pelo professor nas aulas de português para explorar o processo de produção textual em suas diversas etapas, inclusive desde o planejamento do texto, considerado como etapa basilar da escrita. Por fim, porque toma o texto como objeto de análise, cabe à Linguística Textual delinear e detalhar empreendimentos desse tipo, no sentido de potencializar o trabalho com o texto também como objeto de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J.-M. *A Linguística Textual: Introdução à Análise Textual dos Discursos*. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues *et al.* São Paulo: Cortez, 2011.
- ADAM, J.-M. *Textos: tipos e protótipos*. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* São Paulo: Contexto, 2019.
- AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Tradução de Eduardo Lopes Piris *et al.* São Paulo: Contexto, 2018.
- BRASIL, Ministério da educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- CABRAL, A. L. T. O conceito de plano de texto: contribuições para o processo de planejamento da produção escrita. *Linha d'Água*, v. 26, n. 2, p. 241-259, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/64266>. Acesso em: 04 abr. 2023.
- CAVALCANTE, M. M., *et al.* *Linguística textual: conceitos e aplicações*. Campinas: Pontes Editores, 2022.
- JUBRAN, C. C. A. S. *et al.* Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*. Vol. II. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1992. p. 357-397.
- JUBRAN, C. C. A. S. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 89-132.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Contexto, 2002.

MARQUESI, S. C.; ELIAS, V. M. S.; CABRAL, A. L. T. Planos de texto, sequências textuais e orientação argumentativa. In: MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. M. (org.) *Linguística Textual e ensino*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 13-32.

MARQUESI, S. C., et al. Plano de texto e contexto: conceitos em interface para o tratamento da escrita e da leitura em mídia digital. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 13, n. 25, p. 40-59, 2019.

MATOS, J. G. *As redes referenciais na construção de notas jornalísticas*. 2018. 259 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

PINHEIRO, C.L. *Integração de fatos formulativos e interacionais na construção do texto: um estudo a partir da topicalidade*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2003

RODRIGUES, M. G. S. Decisão monocrática do Supremo Tribunal Federal do Brasil - combate ao desmatamento da floresta amazônica – dispositivos textuais, enunciativos e discursivos. *Revista Latino-americana de Estudos do Discurso*, v. 22, n. 1, p. 182-201, 2022.

SÁ, K. B. *Coerência e articulação tópica: uma análise a partir de redações do Enem*. 2018. 261 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, Ceará, 2018.

STORRER, A. A coerência nos hipertextos. In: WIESER, H. P.; KOCH, I. G. V. (org.). *Linguística textual: perspectivas alemãs*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009. p. 98-117.

VAN DIJK, T. A. *La ciencia del texto*. Barcelona; Buenos Aires: Paidós Comunicación, 1983.